

A tradição Cosmológica no Kosmos de Humboldt¹

2-Respuestas teórico-metodológicas de la geografía ante las recientes espacialidades

Lourenço, Claudinei^{1(*)}

1 - Universidade Federal de Minas Gerais | (*) Brazil

"As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto que documentos." (E. Hobsbawm - A Era das Revoluções)

No subtítulo do Kosmos, há um termo que merece nossa atenção inicial. Trata-se de *Weltbeschreibung*. Traduzida como descrição do mundo, a expressão comporta pela sua filiação em ambas as línguas a aproximação ao verbo escrever, do qual deriva descrever. Escrever, do latim *scribere*, é colocar em letras. No caso, colocar o mundo em letras ou, como podemos pensar, uma tradução. Há, também, no Kosmos uma outra expressão para descrição. Trata-se do termo *Schilderung*, que poder ser traduzido por descrição, caracterização ou narração. Nesse caso o sentido é outro. *Schilderung* vem de *Der Schild*, escudo ou brasão e pode ser também, quando pendurado – aí *Das Schild* - letreiro, tabuleta ou placa. Diferentemente da origem na escrita, a descrição que parte do termo escudo, mesmo os decorados maravilhosamente, pressupõe a proteção, logo, a separação entre homem e mundo.

Se o Kosmos é, como diz Humboldt, um ensaio, o mesmo torna-se um ensaio de uma tradução, que no percurso da História torna-se meta-tradução, pois relaciona-se com as múltiplas formas de escrever o mundo, seja nas diversas línguas ou ainda no contato com outras representações, como a arte pictórica, a música, a matemática, etc.

Tão múltiplas são as formas de escrever o mundo que as próprias letras e palavras ganham tensões responsáveis, como sabemos, por tragédias e enigmas. Não por acaso, a linguagem tornou-se, desde há muito tempo, assunto dos lógicos e dos poetas.

Não sendo nem um nem outro, cabe-nos a tarefa de verificar e demonstrar e, em alguma medida, explicar os usos que alguns termos tomam no conjunto da obra que analisamos. Tais usos, além da forma discursiva, pertencem à história e só podem ser explicados no contexto de sua enunciação, o que implica uma necessidade constante de dar letras ao enunciador original dos termos.

Também é importante notar que ao longo do Kosmos aparece recorrentemente o termo *Weltanschauung*, o qual pode ser traduzido, a depender do uso, por contemplação do mundo ou por visão de mundo ou, ainda, concepção de mundo. Todos estes usos podem ser encontrados no Kosmos. Como contemplação de mundo aproxima-se do ato de descrever o mundo, pois ambos são movimentos de aproximação ao mundo, portanto de uso metodológico. Como visão ou concepção de mundo recebem a intenção de compor um conjunto, cultural ou social, de uma forma de ver o mundo. Aqui, Humboldt pretende demonstrar algumas características específicas das concepções de mundo no ato de contemplá-lo, logo, concepções de contemplações e representações.

O Kosmos de Humboldt.

O Kosmos apresenta-se ao leitor, em sua edição original², em cinco volumes, sendo os quatro primeiros publicados durante a vida de Humboldt e o quinto aparecendo postumamente. Os quatro primeiros volumes foram produzidos pela editora Johann Georg Cotta de Stuttgart e Tübingen no formato 13,0 cm x 20,8 cm e o quinto, no mesmo formato, apenas por Tübingen.

¹ Texto contraído e modificado do capítulo 1 da tese de doutorado: "Paisagem no Kosmos de Humboldt: um diálogo entre a abstração e a sensibilidade" FFLCH-USP. 2002.

² Há uma edição original completa, em excelente estado de conservação, na biblioteca do IAG/USP.

O primeiro volume do Kosmos³, publicado em 1845 com 494 páginas, está estruturado em três ítems, além da dedicatória ao Rei Friedrich Wilhelm IV e a página de rosto epigrafada pela citação de Plínio⁴: o prefácio, a introdução e o conteúdo, propriamente dito, dividido em duas partes.

O prefácio indica os objetivos e dificuldades mais gerais da obra: "...reunir en una obra especial [*einziges Werk*], los fenómenos terrestres [*tellurischen Erscheinungen*], y los que se efectuan en los espacios celestes [*siderischen Erscheinungen*] [*in ihren empirischen Zusammenhang*]" Aliadas a esse objetivo aparecem outras duas preocupações. A primeira de produzi-lo com uma opção textual [*literarisches Vorzugs*] que consiga aproximar-se, não apenas do público "especializado", mas, e principalmente, de um outro público: "una juventud ávida de saber y pronta á lanzarse á lejanas empresas".(ix).

A segunda preocupação refere-se à exposição do princípio da unidade e totalidade da Natureza, objetivo mais elevado e declarado dos estudos de Humboldt: "el de comprender el mundo de los fenómenos y de las formas físicas en su connexion y mútua influencia". Trata-se, no momento, de ultrapassar [*übergehen*] a descrição física da Terra [*physische Erdbeschreibung*] para uma descrição física do Mundo [*physische Weltbeschreibung*].

A Introdução, cujo subtítulo - *Considerações preliminares sobre a diversidade das satisfações naturais e uma investigação científica das leis do Mundo*, é uma das conferências oferecidas por Humboldt em Berlim, talvez seja, no Brasil, o texto mais conhecido de Humboldt e no qual expressam-se algumas idéias essenciais para a compreensão das intenções e realizações do Kosmos. Tais considerações comportam uma subdivisão intitulada "Limitação e Tratamento Científico de uma descrição física do Mundo", na qual define-se a concepção da idéia de cosmo adotada na obra.

Das considerações preliminares passa-se, através de um novo título: Pinturas da Natureza [*Naturgemälde*] ou pinturas naturais e de um sub-título - vistas gerais dos fenômenos -, para as duas grandes partes desse primeiro volume: a parte uranológica [*uranologischer Teil*] e a parte telúrica [*tellurischer Teil*].

A parte uranológica ou astronômica inicia-se, como conteúdo, considerando as formas que assumem a matéria cósmica - em primeiro lugar, as nebulosas - para depois situar a via láctea, o sistema solar, os planetas, a Lua, o Sol, os cometas, estrelas cadentes, meteoritos, meteoros e as regiões desprovidas de estrelas. Entremendo a descrição dos fenômenos celestes espraia-se hipóteses e explicações acerca das características, dos movimentos e das origens dos mesmos, fixando-nos no estado da elaboração científica da primeira metade do século XIX.

A parte telúrica inicia-se com a apresentação da forma e características gerais do planeta para, em seguida, abordar a força magnética, o vulcanismo, as formações mineralógicas e rochosas, elementos de paleontologia, as épocas geológicas, continentes e suas formas, a esfera líquida e suas características. A esfera gasosa - fenômenos e características - e já nas últimas páginas desse primeiro volume, passa-se a caracterização da "vida orgânica" (animais e plantas) e, por fim, considerações sobre as raças humanas. Quatrocentas e treze notas acompanham esse volume.

³ Ver bibliografia específica.

⁴ "Naturae vero rerum vis atque majestas in omnibus momentis fide caret, si quis modo partes ejus ac non totam complectatur animo. (Plínio, o velho. *Historia Naturalis*, livro VII, capítulo 1.). "

Na versão alemã, mais recente aparece a tradução: "Das Wesen und die Hoheit der Natur offenbaren sich, wenn alle ihre Teile auch als Ganzes begriffen werden"

A essência e a grandeza da Natureza manifestam-se, quando todas suas partes são compreendidas também como totalidade".

Esta descrição do primeiro volume permite-nos alinhar os demais quatro volumes que a este se integram de forma mais ou menos precisa. Pode-se afirmar que o segundo volume é um desdobramento das idéias contidas no prefácio e nas considerações do primeiro volume; que o terceiro volume é, também, um desdobramento da parte uranológica do primeiro; que o quarto volume é, por sua vez, desdobramento e complemento da parte telúrica. Já, quanto ao quinto volume, não se pode afirmar tal relação. Podia-se esperar, caso Humboldt avançasse na sua produção, uma dedicação ao final do primeiro volume que trata da vida orgânica e que não recebeu, pelo menos no Kosmos a "parte" que lhe caberia como fenômeno. Ressalta-se, quanto a esse ponto, o tratamento que Humboldt deu-lhe em outras obras.

O segundo volume do Kosmos foi publicado em 1847 com 544 páginas e, estruturalmente, divide-se em duas grandes partes: a primeira, de subtítulo "Meios de Inspiração para o Estudo da Natureza" [*Anregungsmittel zum Naturstudium*] aborda em três tópicos - A descrição da Natureza [*Naturbeschreibung*]; a pintura de paisagem [*Landschaftsmalerei*] e a cultura de plantas tropicais [*Kultur von Tropengewächsen*] - as possibilidades de ampliação dos usos das representações oriundas das Artes e que se aproximaram, em maior ou menor grau, das formulações científicas.

Na Segunda parte, de subtítulo: "História da visão/contemplação física do Mundo" [*Geschichte de physischen Weltanschauung*] desenrola-se através de oito itens alguns traços das representações do Mundo:

O terceiro volume do Kosmos foi publicado em 1850 com 645 páginas e apresenta-se, além da uma introdução que também recupera o conteúdo dos dois primeiros volumes, em duas grandes partes: "A parte uranológica da descrição física do mundo" e "O Sistema Solar". A primeira parte divide-se em sete itens: I- Espaços Celestes, II- Visão Natural e Telescópica; III- Número, Cor e Distribuição das Estrelas; IV- Estrelas Novas; V- Movimentos Próprios das Estrelas; VI- Estrelas Duplas e Múltiplas; VII- Nebulosas. A segunda parte divide-se em dois itens: O Sol; Os Planetas, incluindo-se, nesse segundo item, o exame dos satélites, cometas, luz zodiacal e estrelas errantes. Traz setecentas e seis notas. Este volume atualiza e amplia o primeiro volume, principalmente pelo maior número de informações e referências históricas.

O quarto volume do Kosmos foi publicado em 1858, com 650 páginas e volta-se para a parte telúrica do cosmo, abordando em duas partes suas características. A primeira trata da magnitude, forma, densidade, magnetismo e outros fenômenos correlatos. A segunda parte examina "A reação do interior da Terra sobre sua superfície". Compreende, também, setecentas e noventa e três notas.

O quinto volume do Kosmos foi publicado em 1862 com 1297 páginas, três anos após a morte de Humboldt, e foi preparado pelo Prof. Dr. Eduard Buschmann, bibliotecário da Biblioteca Real e membro da Academia de Ciência, através da reunião de vários fragmentos escritos por Humboldt e algumas notas do próprio compilador.

Tal é, resumidamente, em sua edição original, o Kosmos, a partir da qual muitas outras, em diversas línguas, foram sendo editadas, nem sempre fiéis ao texto e forma originais. Na tentativa de tornar a obra mais acessível foram produzidas edições em fascículos, em quatro volumes e, também, edições contraídas com apenas os dois primeiros volumes ou mesmo em um só volume com fragmentos dos quatro primeiros volumes. Há, ainda, excertos transformados em livros. Apesar das justas intenções e dos cuidados necessários ao exercício das contrações, quase sempre perde-se, às vezes de forma irreparável, algo do original⁵.

⁵ Tal é o caso da edição em um volume da Editorial GLEM de Buenos Aires, de 1944. Nesta edição, provavelmente preparada pelo próprio tradutor (J. A. P), de 604 páginas aparecem fragmentos dos quatro volumes sem indicação da edição utilizada para a tradução, nem os critérios da contração.

Tornou-se corrente, no entanto, a partir da segunda edição alemã, corrigida em quatro volumes pelo Dr. Buschmann, considerar o quinto volume do Kosmos presente na edição original, apenas um grande anexo com dados e anotações dispersas, já que Humboldt havia preparado parcialmente, somente as primeiras 89 páginas. Edições francesas⁶, inglesas e espanholas seguiram essa opção e apresentam-se apenas com os quatro volumes, dando origem ao chamado "pequeno Kosmos".

Não foi necessário muito tempo para o reconhecimento da obra. Em vida, Humboldt já colheria a fama e as críticas. O primeiro volume esgotou-se em dois meses e até 1851, já havia 80.000 exemplares publicados. A penetração nos círculos científicos da época foi imediato e de várias partes do mundo chegaram sugestões, contribuições e críticas. O Kosmos já nascia destinado a marcar uma época.

Levanta-se perante nós, portanto, aquela que será descrita como uma das principais características do Kosmos: seu caráter compilatório de uma época. E podemos acrescentar com Capel e Melon:

*"Precisamente por este carácter ambicioso e integrador que posee, el Cosmos es una obra importante de la ciencia europea del siglo XIX. Es la obra del que ha sido considerado el último hombre enciclopédico de la cultura universal. En ella rebasó su antigua concepción de una geografía física de la Tierra para abordar una descripción física del universo (physische Weltbeschreibung), con la que de hecho culmina y se reformula la vieja línea de la cosmografía".*⁷

E:

*"Es el Cosmos tanto el testamento científico de Humboldt como el testamento o herencia de una época que con él termina. La ciencia de hoy acepta el Cosmos con respetuoso entusiasmo que suscita un documento de tiempos idos."*⁸

Tal conjunto pede e compõe uma peça de gênero e estrutura também específicos cujos contornos mais gerais são descritos por Melon:

El primer tomo del Cosmos, con su introducción y tres partes, con sus cuatrocientas notas y muchas más referencias bibliográficas, es un libro concluso en su totalidad, lo mismo en contenido que como sistema; así lo considera su autor, que en ninguna de sus páginas hace ilusión a los que le siguen. Es el logro pleno del programa que se impuso Humboldt al concebir la obra. Hasta tal punto es perfecta singularidad, hasta tal punto se perfila su contenido en el trato de hechos y fuerzas de todo lo creado, que el lector non prevenido, de antemano no puede suponer que el tomo dicho sea tan sólo la pieza inicial de una obra más extensa. Non creo sea atrevida hipótesis la de considerar el primer tomo del Cosmos como la decantación impresa de los dos ciclos de conferencias a que antes nos referimos; por su sistematización y desarrollo completo del tema tiene la fisonomía de una obra académica y formativa de orientación y estímulo. Los tomos segundo, tercero y cuarto non son outra cosa que ampliación y expansión del tomo primero. Pero como esta ampliación no afecta a todas sus partes, como esta circunstancia no conviene al cuadro del mundo orgánico, se dá con el Cosmos esta curiosa paradoja: si sólo se hubiera publicado el tomo primero, no dudáramos en afirmarlo como obra conclusa; con los cuatros que lo constituyen no puede aseverarse lo mismo, ya que lo referido al cuadro de la vida vegetal, animal y

⁶ A edição francesa foi acompanhada por Humboldt que sugeriu os tradutores para os dois primeiros volumes.

⁷ CAPEL, Horácio, *Filosofia e ciencia en la Geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía*. Barcelona. Editorial Barcanova, 1983. p. 27.

⁸ MELÓN, Amando; *Ultima Etapa de la Vida y Quehacer de Alejandro Humboldt. Estudios Geograficos*, Madrid, n 46, p 391-426, ago. 1⁹⁵⁹. p.425.

humana non es objeto de ampliación, a diferencia de lo que atañe a los fenómenos celestes e fisicoterrestres."⁹

Tal empreita revelar-se-ia, em qualquer outro caso, talvez insustentável, mas não para Humboldt que reunira as condições únicas para tal. Particularizar esse esforço torna-se imperativo para qualquer análise, ainda mais quando se impõe o diálogo com um volume considerado de outras avaliações.

Partindo desse painel inicial, podemos demarcar como interesse principal da atividade aqui desenvolvida aquilo que é, na obra, também o principal, ou seja, o conteúdo e fundamentação científica de uma visão de mundo que ali ganha contornos nítidos, inclusive como objetivos:

"En cualquier caso, dirigirse hacia esse objetivo tratando de conocer la naturaleza exigía desarrollar por igual todas las ramas de las ciencias matemáticas, físicas y naturales, y a la vez suponías valorar la ciencia pura frente a la ciencia aplicada, una ciencia pura cuyo objeto sería 'el ensanchar y fecundizar la inteligencia' y que también sería 'el término hacia el cual deben tender las ciencias directamente, el descubrimiento de las leys, del principio de unidade que se revela en la vida universal de la naturaleza. Este fue el objetivo que Humboldt se trazó y al que trató de dar forma en su cosmos."¹⁰

Nesse duplo percurso, assilamos o fundamental na obra, isto é sua filiação científica ao iluminismo¹¹ e em seguida, o papel que cumprem aí as demais contribuições.

A primeira vertente é explicitada em diversos pontos de sua obra e insurge de forma, até de forma dura contra o caráter negativo das formulações "não científicas":

"Ese conjunto de dogmas incompletos que un siglo lega a otro, esa física que se compone de preocupaciones populares, no es solamente prejudicial porque perpetúa el error, con la obstinacion que lleva siempre el testimonio de los hechos imperfectamente observados; sino que tambien prohíbe al espíritu elevarse á los grandes horizontes de la naturaleza". (C. T.I. p.15)¹².

É característica da abordagem de Humboldt a constante defesa do conhecimento científico e da razão como forma de explicação do mundo. Nesse ponto, Humboldt reitera o "Zeitgeist" de sua época, marcado pela busca da verdade através da razão e pela consolidação de diversos campos científicos:

"El ejercicio del pensamiento empieza á cumplir su alta mision; la observacion, fecundada por el razonamiento llega con ardor á las causas de los fenómenos"(C. T I. p.14-5)

Essa afirmação da razão será, em determinados momentos, extrapolada para outros campos do conhecimento, ganhando aí um caráter normatizador. Não devemos, no entanto, tomar tais considerações desvinculadas do desdobramento de outra

⁹ Idem.. p.420-21.

¹⁰ CAPEL, Horácio, Filosofia e ciencia en la Geografia contemporánea. Una introducción a la Geografia. Barcelona. Ed. Barcanova, 1983. p. 32.,

¹¹ "Dentro de esa totalidad concebida como un organismo, la actividad científica de Humboldt, y su misma concepción del mundo, no tienen cabida. La obra humboldtiana no es uno de esos libros múltiples con los que se integra la biblia romántica. Por el contrario, cremos que, en lo esencial, Humboldt se opone a la desmesura romántica, a su amor por lo ilimitado, la oscuridad, el vitalismo energético, la idea de un Dios animado de fuerza." LABASTIDA, Jaime; Las Aportaciones de Humboldt a la Investigacion Científica. In. ORTIZ, O R. (org) Imagenes de Humboldt. Caracas. Monte Avila Editores. 1983. p.136.

¹² Optamos por diferenciar as citações do Cosmos de outras presentes no texto. Elas apresentam um recuo em ambas as margens e vem acompanhadas da indicação do tomo e da página entre parenteses. Ainda acerca dessas citações, aparecem, em alguns casos, expressões entre colchetes que referem-se à expressão como aparecem no texto em alemão.

característica marcante da obra de Humboldt. Trata-se da relativização dos objetivos da ciência, frente aos objetivos maiores do conhecimento:

“Si se considera el estudio de los fenómenos físicos, no en sus relaciones con las necesidades materiales de la vida, sino en su influencia general sobre los progresos intelectuales de la humanidad, es el mas elevado é importante resultado de esta investigacion, el conocimiento de la conexion que existe entre las fuerzas de la naturaleza, y el sentimiento íntimo de su mútua dependencia. La intuicion de estas relaciones es la que engrandece los puntos de vista, y ennoblece nuestros goces. Este ensanche de horizontes es obra de la observacion, de la meditacion y de el espíritu del tiempo en el cual se concentran las direcciones todas del pensamiento.” (C. T.I. p. 2).

Assim, Humboldt não poderá satisfazer-se apenas com o resultado da produção científica, dirigindo-se para outros campos de conhecimento em busca de contribuições que possam ajudá-lo a formular o seu cosmo. Os exemplos, que arrolaremos em seguida, demonstram o grau de diversidade das filiações de Humboldt, que atravessam a filosofia, a poesia, a pintura e a religião, entre outras compartimentações.

“Lo que en la vaguedad de las sensaciones se confunde, por falta de contornos bien determinados, lo que queda envuelto por ese vapor brumoso [Bergluft], que en el paisaje[?] oculta á la vista de altas cimas, el pensamiento lo desarrolla y resuelve en sus diversos elementos, desentrañando las causas de los fenómenos, asignando á cada uno de dichos elementos, que concurrem á formar la impresion total, un carácter individual. De aquí resulta que en la esfera de la ciencia como en la de la poesía [Landschaftsdichtung] y la pintura de paisaje [Landschaftsmalerei], las descripcion [Darstellung] de los parajes y los cuadros que hablan á la imaginacion tienen tanta mayor verdad(Klarheit) y vida, [Lebendigkeit] cuanto mas determinados están sus rasgos característicos”.(C. T.I. p. 9-10).

Uma breve passagem pelos textos do Kosmos indica o leque de tais aproximações.

É o caso da aproximação com a filosofia clássica. Dialogando com os gregos e romanos, Humboldt pretende recuperar as cosmologias antigas, como por exemplo, aquela formulada por Lucrecio:

La poesía desplegó todas sus riquezas en el poema de Lucrecio sobre La Naturaleza. El autor, discípulo de Empédocles y de Parmenides, abraza em su obra el mundo entero realzando aun mas la magestad de su esposicion por las formas arcaicas de su estilo.” (C. T.II. p. 16).

A aproximação com as religiões também estará presente, seja ela de herança judaico-cristã ou de outras matrizes, como hindus e muçulmanas.

El crisitianismo preparó los espíritus para que buscasen en el órden del mundo y en las bellezas naturales, el testimonio de la grandeza y escelencia del Creador” (C. T.II. p. 25).

Ou:

“Si me es permitido valerme de algunos ejemplos para hacer comprender el vivo sentimiento de la Naturaleza que con frecuencia brilla en la poesía descriptiva de los Indios, como ya lo intenté em mis lecciones públicas, aconsejado por mi hermano y otros indianistas, empezaré por los Vedas, el más antiguo y mas sagrado de todos los monumentos que atestiguan la cultura de lso pueblos de la Asia oriental.”(C. T.II. p. 37).

Nas religiões, embora rejeite amplamente suas determinações morais, Humboldt está interessado no grau de unidade que existe entre o mundo material e o mundo das representações religiosas, conduzindo-o a reconhecer a profundidade e beleza das

formulações que o sentimento religioso oferece. Aqui Humboldt tomará, entre outras, passagens do livro de Jó para demonstrar o grau de aproximação entre o homem e a natureza e a importância da observação profunda do mundo.

Essa mesma busca conduz Humboldt para outros campos, tais como Camões e Shakespeare:

“Camões es inimitable cuando pinta el cambio perpetuo que se verifica entre ele aire y el mar, las armonías que reinan en la forma de las nubes, sus transformaciones sucesivas y los diversos estados por que pasa la superficie del Océano.” (C. T.II. p. 55).

E:

“Asi es, que parece que respiramos em medio de los bosques al leer el Sueño de una noche de verano. En las últimas escenas del Mercader de Venecia, vemos el claro del bosque iluminado por la luna en una tibia noche, sin que se hable en ellas ni de lunas ni de bosque. Hay, sin embargo, en el Rey Lear una verdadera descripción de la montaña de Douvres, cuando fingiéndose loco Edgardo y conduciendo á su padre ciego, el conde de Gloucester, por la llanura, le hace creer que suben por la montaña.” (C. T.II. p. 60).

O olhar dos poetas sobre a natureza fornece a Humboldt a impressão estética da linguagem sobre a paisagem, bem como o grau de determinação do imaginário sobre a realidade, transformada aqui, num sentido amplo, também em paisagem. Pela poesia é possível vislumbrar uma síntese que não seria obtida apenas com a ciência. Para Humboldt a poesia trará uma possibilidade de configurar, tal qual na pintura, um quadro da natureza.

Por isso, também a pintura receberá de Humboldt uma atenção considerável, principalmente aquela que toca diretamente no seu campo de interesse, isto é, a pintura da paisagem. Através das pinturas, Humboldt procura encontrar um momento de síntese entre arte e ciência, o qual, poderia conter e estar contido na pintura da paisagem.

“El gran estilo de la pintura de paisage es el fruto de una contemplacion profunda de la Naturaleza y de la transformacion que se verifica en el interior del pensamiento.” (C. T.II. p. 84).

Humboldt, no entanto, explicitamente destaca o papel que a pintura da paisagem irá cumprir na sua obra, justificando-se, em parte, pelo teor que pretendia atribuir a ela:

“No es menos á propósito la pintura de paisaje que una descripción fresca y animada para difundir el estudio de la Naturaleza; pone tambien de manifesto el mundo exterior en la rica variedad de sus formas, y, segun que abrace mas ó menos felizmente o objeto que reproduce, puede ligar el mundo visible al invisible, cuya union es el último esfuerzo y el fin mas elevado de las artes de la imitacion. Mas para conservar el carácter científico de este libro, debo sujetarme á otro punto de vista. Si de la pintura de paisaje há de tratar-se aquí, es unicamente en el sentido que nos auxilia en la contempalcion de la fisionomia de las plantas en los diferentes espacios de la tierra; porque favorece la afcion á los viajes lejanos, y nos invita de una manera tan instructiva como agradable á entrar en comunicacion com la naturaleza libre.” (C. T.II. p. 72).

Podemos localizar no Kosmos essas duas contribuições da pintura de paisagem. Contribuição essa que pode ser estendida à toda a contribuição que a Arte poderia dar. Ser repertório de informações e promotora de sentimentos. Esta última, presente, por exemplo, no elogio às obras de Ticiano

"En las obras maestras de Ticiano es donde aparece la Naturaleza por vez primera e amplamente comprendida y representada á grandes rasgos" (C. T.II. p. 77).

Nesse sentido é que Humboldt aclama o desenvolvimento desse estilo da pintura, colocando-o em posição privilegiada na formação do espírito humano:

"La pintura de paisaje non es tampoco puramente imitativa; tiene sin embargo un fundamento mas material y hay en ella algo mas terrestre. Exige de los sentidos una variedad infinita de observaciones inmediatas, que debe assimilarse el espíritu para fecundizarlas com su poder y darlas á los sentidos bajo la forma de una obra de arte. El gran estilo de la pintura de paisaje es el fruto de una contemplacion profunda de la Naturaleza y de la transformacion que se verifica en el interior del pensamiento." (C. T.II. p. 84).

Ao promover tais relações com outros campos do conhecimento, Humboldt promove um exercício que trará reflexos na condução de sua obra científica. É relativamente clara a influência dessas bissociações na exposição de conteúdo científico presente no Kosmos. O olhar de Humboldt sobre a vegetação, relevo, estrelas, etc., está perpassado de construções oriundas de tais campos, criando uma forma, se não nova em seus pontos, diferente de qualquer outra pelo grau de composição da representação.

Poder-se ia resgatar inúmeras filiações e qualidades de gênero no Kosmos, sem esgotá-las, tal o número de caminhos que, a partir dele, o leitor encontra. Opta-se por expor, o que não é óbvio, mas evidente a partir do texto original e de alguns de seus comentadores. Trata-se de expor ainda, as filiações do gênero cosmológico.

A "nova" cosmologia, pressuposto para uma visão de um novo mundo, encontra vários expositores e Humboldt é um dos últimos portadores dessa pretensão, que ainda receberia, por exemplo, nos manuais de Geografia Física, como caricatura, algum bafejamento. A geografia física presente no Kosmos ocupa um momento da síntese e não o seu pressuposto.

"La enumeracion de los mas importantes resultados de las ciencias astronómicas y físicas, que, en el Cosmos, converjen hácia un foco comun, legitima hasta cierto punto el título que he dado á mi obra. Quizás sea el título mas temerario que la empresa misma, circunscrita á los límites que la he fijado. La introduccion de nombre nuevos, sobre todo cuando se trata de las miras generales de una ciencia que debe estar al alcance de todos, ha sido hasta ahora muy contraria á mis costumbres; nada he añadido á la nomenclatura, sino allí donde en las especialidades de la botánica y de la zoología descriptivas, objetos reseñados por primera vez, han hecho indispensables nombres nuevos. Las denominaciones de Descripcion física del mundo, ó Física del mundo, de que me valgo indistintamente, estan formadas sobre las de Descripcion física de la tierra ó física del globo, es decir, Geografía física, desde largo tiempo tenidas en uso." (C. T. I. p. 51-52)

A transformação de aspecto em pressuposto, permitida por uma leitura parcial do Kosmos, indica-nos mais o percurso que o conhecimento tomaria no seu desenvolvimento do que uma opção teórica de Humboldt, a qual, pensamos, não pode ser destacada de seu contexto. Logo, a física da Terra, para Humboldt é um aspecto do Cosmo não sua realidade. Que o paradigma físico seja a cúpula de bronze dessa posição parece-nos inquestionável.

A compreensão dos "aspectos" que formam o Kosmos pode ser melhor determinada a partir do princípio organizador da visão de mundo aí presente. Não por acaso

Humboldt procurou na História a história das possibilidades para sintetizar seus conhecimentos. Por que o Kosmos constituiu-se assim e não na forma de uma Suma, de um Prolegômenos, de um Tratado, de uma Memórias, de um Sistema, de um Diálogo, etc.? A opção, mais do que uma solicitação histórica, indica as posições teórica, ética e estratégica de Humboldt.

“En mi obra, la palabra Cosmos está tomada como la prescriben el uso helénico, posterior á Pitágoras, y la definicion muy exacta dada en el Tratado del mundo que falsamente se ha atribuido á Aristóteles; es el conjunto de cielo y de la tierra, la universalidad de las cosas que componen el mundo sensible. Si desde largo tiempo los nombres de las ciencias no hubieran sido apartados de su verdadera significacion lingüística, la obra que publico deberia llevar el título de Cosmografía, y dividirse en Uranografía y Geografía. Los romanos, imitadores de los griegos, en sus débiles ensayos de filosofía, han concluido tambien por transportar al Universo la significacion de sus mundos, que no indicaba primitivamente mas que las compostura, el adorno, y no el orden ó la regularidad en la disposicion de las partes. Es probable que la introduccion de este término técnico en el idioma del Lacio, la importacion de un equivalente de la palabra Cosmos, en su doble significacion, se deba á Ennio, partidario de la escuela itálica, traductor de los filosofemas pitagóricos compuestos por Epicarmo ó por alguno de sus adeptos.” (C. T. I. p. 53)

Um percurso mais detalhado e esclarecedor dessa opção, encontra-se na extensa nota sobre a origem de sua concepção de Kosmos, complementada com incursões filológicas.

"Κοσμοζ en su acepcion mas antigua y en el sentido proprio de la palabra, significa adorno (ornato del hombre, de la mujer ó del caballo); tomada em sentido figurado por ενταξια significa orden y ornamento del discurso. Por confesion de todos los antiguos, Pitágoras fue el primero que empleó esta voz para designar el orden del universo y aun el universo mismo. Pitágoras nunca escribió, pero se encuentran pruebas muy antiguas de este aserto en muchos pasajes de los fragmentos de Philolao (véase Stobée Egllogae, p. 360 y 460, ed Hecren, y Boeckh, Philolous, p. 62 y 90). Siguiendo el ejemplo de Naeke, no citamos á Timeo de locres por ser dudosa su autenticidad. Plutarco (de Placitis philosophorum, I. II, c. 1) dice de modo mas claro que Pitágoras dió el nombre de Cosmos al universo, á causa del orden que en él reina. (Véase tambien Galien, de Historia philosoph., p. 429. De las escuelas filosóficas, esta palabra com su nueva significacion pasó al dominio de los poetas y de los prosistas. Platon designa los cuerpos celestes com el nombre de Uranos; pero el orden de los cielos es tambien para él el Cosmos; y en su Timeo (página 30, b), dice que el mundo es un animal dotado de un alma(κοσμοζ ξηπογ εμψυχου). Sobre el espiritu separado de la materia, ordenador del mundo, véase Anaxágoras de Clazoméne, ed. Schaubach, p. 111, y Plutarco de Placitis Philosoph., I. II, c.3). En Aristóteles (de Caelo, I. I. c. 9) el Cosmos es "el universo y el orden del universo; " pero tambien le considera como dividiéndose en dos partes en el espacio: el mundo sublunar y el mundo situado sobre la luna (Meteorol., I. I, c 2 y 3, p. 339 a, y 340 b, ed Bekker" (...) (C. T I, p. 358)

Seguindo de perto a nota, encontra-se a continuidade dos usos do termo:

"Tomada en acepcion mas restringida, la palabra Cosmos se há empleado tambien en plural para designar la estrella, ó los innumerables

sistemas diseminados como otras tantas islas en la inmensidad de los cielos, y formados cada uno de un sol y una luna. (...) Ya hemos indicado esta singular division de los espacios celestes en tres partes, el Olimpo, el Cosmos y el Uranos (...) la cual se aplica á las diversa regiones que rodean este foco misterioso del universo, 'Ἔστια του παντοζ' de los Pitagóricos. En el fragmento que nos há conservado esta division, el nombre de Uranos designa la region mas interior situada entre la luna y la tierra; este es el dominio de las cosas variables. La region media, en la que los planetas circulan com órden inmutable y armonioso, se llama esclusivamente Cosmos, segun concepciones mui particulares sobre el universo. En cuanto al Olimpo, es la region exterior, la region ígnea." (C. T. I, p. 358-9)

Após rastrear a origem do termo no sânscrito, no gótico e no próprio grego, Humboldt chega ao idioma romano, no qual

"la palabra mundus, que tiene en su origen la significacion primera de la palabra χοσμοζ (adorno de mujer), sirvió para designar el mundo y el universo." (...) Por lo demás, la raiz sanscrita mand, de la cual Pott hace derivar la palabra latina mundus, reúne el doble significado de brillar e adornar". (C. T. I, p. 359-60)

Completando seu percurso, Humboldt resgata o uso em línguas modernas:

"En cuanto á palabra de se sirven hoy los alemanes (welt, antiguo aleman wëralt, en antiguo sajón worold y wëruld en anglo-saxon), su significacion fué, segun Jacob Grimm, la de un intervalo de tiempo, una edad de hombre (saeculum), y no la de mundus en el espacio." (C. T. I, p. 360)

Após recuperar a origem do termo e seu uso com o sentido aproximado do que faz, Humboldt indica, precisamente que o uso que fez, de Kosmos está no pseudo Aristóteles:

"La definicion del Cosmos que he citado anteriormente en el texto, está tomado do Pseudo-Aristóteles, de Mundo". (C. T. II, p. 391)

Com essa amostragem do percurso de Humboldt na determinação precisa do título de sua obra pretendemos demonstrar dois fundamentos necessários para a compreensão de suas opções. O primeiro refere-se à opção por Aristóteles, ou precisamente, pelo pseudo-Aristóteles do "De Mundo". Não se trata apenas da definição do conteúdo do Cosmo como *el conjunto de cielo y de la tierra, la universalidad de las cosas que componen el mundo sensible*"; pois aí temos tão somente um princípio de totalidade que não explica muito já que participa de quase todas as cosmologias antigas e modernas. Sua opção, como lemos na nota em grego, citada por Humboldt: "Kosmos é sistema", indica mais um princípio ordenador para a totalidade. Embora o sistema aristotélico em muito se diferencie da forma moderna, podemos localizar lá seus pressupostos. Trata-se, ao mesmo tempo, do arranjo das coisas e a idéia adequada para se referir à elas. Diferentemente de outras opções, como por exemplo, as pitagóricas e platônicas, a aristotélica pressupunha a extensividade da observação e da generalização indutiva. Humboldt observa que importantes contribuições originam-se em todas as proposições, com as de Platão, mas que só em Aristóteles o projeto do acúmulo gradativo e sistemático do conhecimento tornou-se possível.

Parece-nos que não precisamos ir muito além do que Humboldt nos deixou para compreender que o fundamento de seu Kosmos está na tradição clássica da Ordem e na respectiva ordenação. Trata-se de uma "geodernidade", como aparece no pseudo Aristóteles. Constata-se que cosmos é diacosmese ou processo de constituição do cosmo, o qual implica numa necessária separação (dia). Podemos, atendo-nos ao texto

humboldtiano, compreender que sua discoscose moderna filia-se ao movimento tenso entre observação e contemplação, ou seja uma possibilidade teórica de mundar Mundos. Não é de se estranhar que a postura teórica de Humboldt trafegue amplamente pelas linhas da harmonia. É que teoria aí, ainda pode ser entendida diversamente do processo abstrato da indução/dedução. A palavra teoria deriva de *theoria* (olhar, contemplar - *thea* = espetáculo – *theoris* = espectador, assistência). Mas no uso órfico, *theoria* veio a significar um estado de fervente contemplação religiosa, no qual o espectador se identifica ao deus sofredor, morre na morte dele, e ressurge na sua ressurreição.

Portanto, cosmo, é antes de tudo, processo. Processo de diacosmisar o excesso caótico e compor-se como possibilidade expressiva do que excede.

Eudoro Souza ajuda-nos a entender essa possibilidade:

*“(...) Mas, aqui, achamo-nos, mais uma vez, diante de uma daquelas subitâneas contensões do Caos, a que de Grande em Grande Ano se dá o nome de Kósmos, - o que, em suma, faz parte de uma criação positiva, e não de uma criação negativa.”*¹³

Portanto, nesse percurso da história ocidental, Humboldt busca não só a referência clássica para o seu projeto, mas a possibilidade de atualização do mesmo perante os possíveis equívocos históricos, como, por exemplo, no uso da palavra mundo para designar o planeta Terra, como vemos em *mapa mundi* ou novo mundo. Trata-se, então, de consolidar e sintetizar a história da humanidade e a história do mundo. Veremos que tal confluência, nesse momento, é parte importante da visão de mundo que se constituía.

Reconhece-se, no entanto, que, da Antigüidade ao Renascimento, as oposições entre as idéias foram sendo construídas e legadas como sistemas duplos de compreensão do mundo.

Não é outra duplicidade a que vemos no centro do afresco “A Escola de Atenas” (1509-1511) de Rafael, obra marcante do Renascimento. No centro estão Platão e Aristóteles. Platão, muito mais idoso, aponta o indicador da sua mão direita para o alto e segura na esquerda o Timeo, enquanto Aristóteles, cheio de vigor, espalma a mão direita para baixo, para o “mundo” e segura, na esquerda, sua ética.

É essa a opção do Renascimento que vemos também em Galileu Galilei. Humboldt participa, em outro momento, dos mesmos pressupostos dessa opção. Diferencia-se pelo conteúdo que sua longa vida permitiu tomar contato.

O Kosmos pode, em síntese, ser definido como a atualização moderna da diacosmese aristotélica. E sua forma demonstra o percurso histórico dessa possibilidade.

Quanto à opção moderna para a forma, pode-se afirmar a filiação à *Historia Natural* de Plínio. E, em muitas passagens do Kosmos, Humboldt afirma essa opção e a sua apropriação dessa obra. Ficamos aqui com a reafirmação de Capel:

La Historia Natural o descripción de la naturaleza de Plinio era, en efecto, además de lo que su título habitual proclama, una verdadera enciclopedia geográfica e cosmográfica, una auténtica Historia Mundi tal como correctamente se le tituló también en algunas ediciones del Renacimiento. Los primeros libros de la obra están dedicados directamente a la cosmografía y geografía y constituyen modelos que fueron indudablemente tenidos en cuenta ne la redacción de las geografías medievales y renacentistas, con influencia hasta el siglo XVIII. El libro segundo sobre el mundo, los elementos y las estrellas, presenta el cosmos y constituye a la vez un tratado de la esfera terrestre, estudiando las consecuencias que la forma de la Tierra tiene en cuanto a la disposición de los climas astronómicos y de las regiones u su influencia en los habitates, además de incluir nociones sobre meteoros y terremotos. Los libros tercero a sexto tratan de las tres partes del mundo dedicando especial atención a Europa,

¹³ SOUZA, Eudoro, *Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo*. Brasília Editora da UNB, 1995. p. 52.

continente 'sustentador del pueblo vencedor' y el mas hermoso de todos; trata de la orografía, las divisiones administrativas, las ciudades, describe los pueblos que habitan las diferentes regiones, se preocupa siempre de su latitud, longitud e extensión, y ocasionalmente debate las razones geográficas de la grandeza de una nación. La inclusión del hombre como ser creador, e inventor dentro de la obra, en el libro séptimo, supone, finalmente, una atención hacia el campo de la moral y acaba de dar a la Historia de Plinio un alcance que rebasa ampliamente de lo puramente natural”¹⁴

Tomando em relevo as expressivas citações presentes no Kosmos, poderíamos, se não relativizar a afirmação de Capel - pois concordamos com ela-, afirmar que a leitura que Humboldt faz da “História Natural” de Plínio está cotejada pelo amplo conhecimento do espólio humano fixado pela escrita. O conjunto das obras e autores citados no Kosmos indica que Humboldt fez um proveitoso uso de seu poliglotismo, de sua insaciável curiosidade e energia vital. Logo, o Kosmos acolhe as intenções de Plínio, mas convive também com Hesíodo, Ptolomeu, Heródoto, Estrabão, Platão, Aristóteles, Plutarco, Cícero, Tacito, Sêneca, Magno, Suetônio, Da Vinci, Colombo, Post, Copérnico, J. Grimm, W. Grimm, Goethe, Reisch, Ampère, Bacon, Ritter, Foster, Herschel, Galileu, Laplace, Linneu, Darwin, Rose, von Buch, Cuvier, Dante, Camões, Arago, Gauss, etc.

O Cosmo de Humboldt.

Mas, sob que condições foi possível idealizar e realizar tal empreendimento? Como se realizaria a síntese entre um pensador que viveu seu próprio cosmo como tal e realizou uma representação desse?

A primeira demarcação dessa realização está assinalada pelas possibilidades do período histórico em que Humboldt viveu. A segunda pela trajetória que ele aí desenvolveu e pelo o que é recolhido da História. Hobsbawm assinala alguns elementos dessa primeira demarcação, constituinte do que ele periodiza como “A Era das Revoluções”.

"A era revolucionária, portanto, fez crescer o número de cientistas e eruditos e estendeu a ciência em todos os seus aspectos. E ainda mais, viu o universo geográfico das ciências se alargar em duas direções. Em primeiro lugar, o progresso do comércio eo processo de exploração abriram novos horizontes do mundo ao estudo científico e estimularam o pensamento sobre eles. Um dos maiores gênios científicos de nosso período, Alexander von Humboldt (1769-1859), contribuiu primordialmente desta forma para o progresso da ciência: como um incansável viajante, observador e teórico nos campos da geografia, etnografia e história natural, embora sua nobre síntese de todo os conhecimentos, a obra Cosmos (1845-59), não possa ser definida dentro dos limites das disciplinas particulares.”¹⁵

O fato de Hobsbawm incluir Humboldt e o Kosmos nesse ponto de sua análise indica-nos a relação interna entre Humboldt, sua obra e seu tempo. A revolução operada nos fundamentos da vida européia, particularmente da Inglaterra e da França, onde, neste último, Humboldt viveria, de forma plena, entre 1804 e 1827 está presente no resultado do esforço final de Humboldt. Seu Kosmos, ligado à tradição dos escritos do gênero, põe o novo conteúdo na velha forma. O Kosmos, como documento, registra em grande parte essa revolução ao fixar o movimento e estado do conhecimento,

¹⁴ CAPEL, Horácio, O Nascimento da Ciência Moderna e a América. Trad. Jorge U. VillaLobos. Maringá. Eduem, 1999. p. :252-53.

¹⁵ HOBSBAWM, Eric; A Era das Revoluções. Trad. Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo. Paz e Terra, 1981. p.304.

particularmente o científico, do início do século XIX, que ainda apresenta uma Europa suspirando pelo "desconhecido":

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem-informados da época - digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) - conheciam somente pedaços do mundo habitado".¹⁶

Esse "pequeno mundo" que Hobsbawm caracteriza, também, com a população, diminuta em relação ao presente era, em contraste, maior que o nosso. Realizava-se ainda como lonjura, tais as distâncias e meios de transporte existentes para transpô-las. Essa lonjura e lentidão constituem o fio da meada de um mundo rural, entranhado aqui e ali por algumas grandes cidades e pelas pequenas cidades e vilas, muita vezes encaixadas, quase isoladas, em seus vales.

Esse pequeno mundo, como uma criança perplexa, interroga-se sobre suas condições de existência na busca das origens. A questão primordial do processo instala-se nas mentes e torna-se fundamento do pensamento ocidental.

"A quem jamais ocorreu furtar-se ao gosto de perguntar, decerto não deixou adiada a questão e averiguar por que motivo a história ostenta, em certo ponto o início de uma época, da qual, um dos traços mais vincados, é o fervor ansioso com que investiga o passado mais remoto. Com efeito, desde algures, na vereda do tempo que passa por fins do século XVII e início do século XIX, move-se aceleradamente a pesquisa e a especulação acerca das 'origens': a cosmologia, a geologia, a biologia, a antropologia não cessam de desenvolver o que, antes, mais não foram do que capítulos prefaciais ou apendiculares, em disciplinas especializadas na reconstituição do passado do universo, da terra, da vida e do homem"¹⁷

Parece-me presente aqui um dos temas centrais na compreensão do desenvolvimento da Geografia. Sua inserção interna ao projeto de história natural e da história universal.

Como primeiro passo, constitui-se a partir do movimento da formação social a compreensão de que o tempo escapa aos movimentos dos corpos, como estava afirmado na compreensão aristotélica. A conexão entre tempo e movimento alcança uma nova qualidade que permite ao pensamento abstraí-la como régua abstrata dos processos. Trata-se do pressuposto da história natural que, por sua vez, coloca-se, num segundo momento como pressuposto da história universal. Tal é, em resumo, o

"... desenvolvimento daquela história natural do homem que nada mais é do que o estudo positivo e experimental do homem em sua unidade de ser natural e social".¹⁸

A dissolução das relações comunitárias baseadas na cultura e no tempo lento da existência dissolve conjuntamente as representações dessa cultura e as põe em movimento abstrato de reconstituição, logo independente de sua própria formulação e ritmo. Nesse movimento abstrato de constituição da representação encontramos a ciência e arte abstratas.

Torna-se compreensível por que Humboldt estivesse preocupado em expôr suas idéias sob a forma de um Kosmos. Tratava-se de responder às questões postas no desenvolvimento do pensamento científico, fundamento da visão social de mundo burguesa. Essa composição que, enquanto gênero, resgata a Antiguidade e a renova na

¹⁶ HOBSBAWM. idem. p.23.

¹⁷ SOUZA, Eudoro, Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo. Brasília Editora da UNB, 1995. p. 1.

¹⁸ QUAINI, Massimo, A Construção da Geografia Humana. Tradução de Liliana L. Fernandes. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1983. p. 71.

tradição moderna das grandes sínteses põe-nos a tarefa de explicar suas intenções internas.

O Kosmos e a Geografia.

Em certa medida, um conjunto significativo de leituras do Kosmos partiu do campo da Geografia e acabou por constituir-se em referências para a interpretação da obra. Nos termos dessa pesquisa, interessa-nos, apenas, algumas das interpretações formuladas. De antemão, não nos interessam, no momento, os questionamentos que estabelecem o apriori das referências e das influências, embora se reconheça o mérito delas.

O apriori das referências que busca, na obra de Humboldt, uma possível gênese ou paternidade para a forma presente da geografia impõe uma leitura particularizada e datada. Tal posição estreita a pergunta nos possíveis fundamentos de um presente determinado. É a armadilha da idéia de precursores com todas as conseqüências conhecidas. Não nos cabe, aqui, tal investida.

O apriori das influências, fundamentalmente a mesma questão das referências, persegue, com razão, o percurso das idéias no desenvolvimento do conhecimento. Porém, justifica-se a partir de um equívoco. Trata-se da armadilha da fidelidade. Também não nos cabe essa opção.

Pensamos que o mérito de uma leitura está na possibilidade de fazer usos, independentemente da paternidade ou fidelidade, das idéias ali colocadas. Não podemos pensar em abrir uma discussão para verificar quem é mais humboldtiano do que outro, ou se Humboldt era geógrafo ou não, ou, se ele funda a Geografia moderna ou não, ou ainda, se o Kosmos pertence ao pensamento geográfico ou não. São questões que tangenciam a metafísica e conduzem ao processo sem fim das perseguições e exumações.

O que buscamos, numa tese em geografia, foi verificar a possibilidade do encontro de pensamentos para o homem de nosso tempo. Se ainda é possível pensar em geografia usando o pensamento de Humboldt. Ou, ainda, quais usos podemos dar ao pensamento de Humboldt na atualidade, independentemente de estarmos fazendo geografia ou não. As apropriações, para os mais amplos fins, do pensamento de Humboldt não constituem a essência da nossa pergunta.

Enfim, o que podemos dizer, a partir da leitura de Humboldt, é que a questão que a Geografia moderna coloca a ele, não estava nele colocada. A idéia de uma ciência específica, enquanto pressuposto da teoria tradicional na forma definida por Horkheimer¹⁹, interessa apenas ao desenvolvimento particular de uma forma de pensamento. E, para essa fonte de autodefinição histórica, pensamos, a forma institucional é a mais adequada. Logo, a aparente indefinição normativa e disciplinar da obra de Humboldt só comparece como questão quando a própria normatização e disciplinarização estavam constituídas²⁰, portanto, trata-se de uma solicitação externa aos fundamentos que produziram tal expressão. As críticas e observações oriundas desse pressuposto devem, pensamos, ser relativizadas.

O mundo de Humboldt, como demonstramos, insere-se no contexto clássico universal, caldo dos mais sólidos pensadores do momento, e na experiência científica específica e ainda embrionária para determinados contextos.

¹⁹ “A representação tradicional de teoria é abstraída do funcionamento da ciência, tal como este ocorre a um nível dado da divisão do trabalho. Ela corresponde à atividade científica tal como é executada ao lado de todas as demais atividades sociais, sem que as conexões entre as atividades individuais se torne imediatamente transparentes.” HORKHEIMER, Max, Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In. Textos Escolhidos. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 37.

²⁰ “A consideração que isola as atividades particulares e os ramos de atividade juntamente com seus conteúdos e objetos necessita, para ser verdadeira, da consciência concreta da sua limitação” Idem p. 38..

Como afirmamos, são impressões parciais de leituras parciais. Humboldt liga-se muito mais ao passado clássico e às formulações científicas de seu próprio tempo do que a algum movimento específico de seu torrão natal. Tomar, para uma análise, relações parciais, não significa poder extrair daí determinações. Trata-se, evidentemente de um reducionismo. Compreensível, mas perigoso para qualquer análise.

Pensamos poder dizer que em Humboldt não se encontra uma geografia como genericamente se compreende esse termo no presente, apenas aspectos aqui e ali fixados. Logo, toda pergunta sobre a fixação dos aspectos deve ser dirigida ao movimento que o determinou e não ao pressuposto que o possibilitou.

Se partimos de um pressuposto humboldtiano, este configura-se na necessidade do encontro entre homem e mundo num processo de diacosmese²¹. As figuras que emergem lá e aqui são diálogos na História.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

- HUMBOLDT, Alexander von; Briefe über Kosmos. Gerhard Cotta (org). Leipzig. 1848.
- _____, Alexander von.; Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung. 5 Bände. Stuttgart und Tübingen. J. G. Gotta'scher Verlag, 1845, 1847, 1850, 1858, 1862. (K)
- _____, Alejandro de; Cosmos. Ensayo de una Descripción Física del Mundo. 4 Tomos. Trad. De Bernarndo Giner y José de Fuentes. Madrid. Imprenta de Gaspar y Roig Editores, 1874. (C)
- _____, Alejandro de; Cosmos. Ensayo de una Descripción Física del Mundo. 1 volume. Trad. De J.A.P. Buenos Aires. Editorial Glem, 1944.
- _____, Alexander von.; Kosmos. Entwurf einer Physischen Weltbeschreibung. 2 Bände. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1993. (K)
- _____, Alexander von.; Cosmos. A Sketch of the Physical Description of the Universe. 2 V. Tr. E. C. Otté. Baltimore and London. The Johns Hopkins University Press, 1997.
- _____, Alejandro de; Viaje a las Regiones Equinocciales del Nuevo Continente. 5 tomos. 2ª ed. Trad. De Lisandro Alvarado. Caracas. Monte Avila Editores, 1991. (V)
- _____, Alexander von.; Personal Narrative of a Journey to the Equinoctial Regions of the New Continent. Trad. Jason Wilson. London. Penguin Books, 1995.
- _____, Alexandre de; Quadros da Natureza. (2 v) Trad. Assis de Carvalho. São Paulo. W. M. Jackson, 1952. (QN)
- _____, Alexander von; Ansichten der Natur. Stuttgart. Reclam, 1969. (AN)
- _____, Alexander von; Cartas: El Libre Progreso de la Inteligencia. Caracas. Asociacion Cultural Humboldt, 1974.
- _____, Alexander von; Cartas Americanas. Charles Minguet (org) Trad. Marta Traba. Caracas. Biblioteca Ayacucho, 1980.
- _____, Alexander von; Über das Universum. Berlin. Suhrkamp Verlag, 1993.

²¹ "Man kann es kurz als eine *Philosophie der Erde* bezeichnen. Nur in Humboldt sind Geographie Philosophie und Philosophie Geographie geworden." MEYER-ABICH, Adolf; A Filosofia de Alexander von Humboldt Representante do "Holismo" de Schelling. Trad. Miguel Alves de Lima. Boletim Geográfico. Rio de Janeiro., n 167, p 139-146, mar-abr 1962. p. 155.

Indicamos como tradução: "Pode-se, sucintamente, denominar como uma *Filosofia da Terra*. Apenas em Humboldt, transformaram-se a Geografia em Filosofia e a Filosofia em Geografia."